

A GAROTINHA DO PAPAÍ

MICHELE CAMPBELL

- Você conta para o papai, em vez de eu contar?

Essa era a pior parte. Com dezessete anos, dizer à minha mãe que estava grávida já era difícil, mas dizer a meu pai era impossível. Papai sempre fora uma fonte constante de coragem em minha vida. Sempre me olhara com orgulho e eu sempre tentara levar a vida de modo a deixá-lo orgulhoso. Até isso acontecer. Agora estava tudo perdido. Eu não ia mais ser a garotinha do papai. Ele nunca mais me olharia da mesma maneira. Dei um suspiro derrotada e me inclinei em direção à mamãe, para ela me consolar.

- Vou ter de deixar você em algum lugar na hora de contar a seu pai. Sabe por quê?

- Sei, mamãe. Porque ele não vai conseguir olhar para mim.

Fui passar a noite com o pastor de nossa igreja, irmão Lu, a única pessoa com quem me sentia bem naquela época. Ele me deu conselhos e me confortou enquanto mamãe foi para casa e telefonou para meu pai no trabalho, para lhe dar a notícia.

Era tudo tão irreal. Naquela época, estar com alguém que não me julgasse era uma coisa boa. Rezamos, conversamos e comecei a aceitar e a entender o caminho à minha frente.

Então, vi os faróis do carro refletidos na janela.

Mamãe viera me buscar para voltar para casa e eu sabia que papai deveria estar junto. Eu tinha tanto medo. Corri da sala para o banheiro, trancando a porta. Irmão Lu me seguiu e me repreendeu.

- Menina, você não pode fazer isso. Terá de enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde. Ele não vai voltar para casa sem você. Venha cá.

- Tudo bem, mas o senhor fica comigo. Estou com medo.

- Claro, menina, claro.

Abri a porta e, devagar, segui irmão Lu até a sala. Papai e mamãe ainda não tinham entrado. Imaginei que estivessem no carro, mamãe preparando papai para o que fosse fazer ou falar quando me visse. Minha mãe sabia o quanto eu estava apavorada. Mas eu não estava com medo de que meu pai fosse gritar ou ficar zangado. Não estava com medo dele. Era a tristeza de seus olhos que me amedrontava. Tristeza por saber que eu estava com problemas e sofrendo e que não recorrera a ele para me ajudar e apoiar. A compreensão de que eu não era mais a sua menininha.

Ouvi passos na calçada e a batida suave na porta de madeira. Meu lábio começou a tremer e me debulhei de novo em lágrimas, me escondendo atrás do pastor. Mamãe entrou primeiro e o abraçou, então me olhou com um sorriso sem graça. Seus olhos estavam inchados de chorar, e eu fiquei agradecida por ela não ter chorado na minha frente. Então vi meu pai. Ele sequer estendeu a mão a Luther, apenas cumprimentou-o com a cabeça ao entrar. Veio em minha direção e me envolveu em seus braços fortes, me segurando bem perto dele enquanto murmurava:

- Amo você. Amo você e vou amar seu bebê também.

Ele não chorou. Não o meu pai. Mas senti seu corpo tremendo. Sabia que ele fizera todo o esforço possível para não chorar e eu estava orgulhosa dele por isso. E agradecida. Quando se afastou e me olhou, havia amor e orgulho em seus olhos. Mesmo naquele momento difícil.

- Desculpe, papai. Gosto tanto de você.

- Eu sei. Vamos para casa. - E fomos.

Todo o meu medo tinha ido embora. Ainda haveria dor e provações que eu sequer podia imaginar. Mas eu tinha uma família forte e amorosa, com a qual sempre poderia contar.

Principalmente, eu era ainda a menininha do papai e, sabendo disso, não haveria montanha que não pudesse escalar ou tempestade que não pudesse aguentar.

Obrigada, papai.